

A ECONOMIA NO SEMANÁRIO *BUNDAS*

Caroline Gonçalves Taveira¹

RESUMO: Este artigo é uma síntese da dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Comunicação Midiática da UNESP de Bauru, que pretendeu analisar o semanário *Bundas*, através de uma análise textual inspirada na Análise de Conteúdo de Bardin (1977), destacando as formas de exercício do jornalismo econômico. O principal objetivo deste trabalho foi mostrar como o jornalismo econômico pode se tornar compreensível a qualquer público leitor. Dentre algumas teorias e análises, buscamos denotar como a imprensa alternativa pode contribuir para facilitar a compreensão da informação econômica e deixá-la ao entendimento não só de pessoas envolvidas no universo econômico, como também àqueles leitores que não estão familiarizados com os jargões do jornalismo econômico.

PALAVRAS-CHAVE: *Imprensa Alternativa; Jornalismo Econômico; Bundas; Grande Imprensa e Humor.*

ABSTRACT: This article is a summary of the Master's dissertation submitted to the Graduate Program in Media communication of UNESP in Bauru, setting out to analyze the *Bundas* weekly, through a textual analysis inspired by the Bardin Content Analysis (1977), highlighting the forms of exercise of economic journalism. The main objective of this work was to show how economic journalism can become understandable to any reader audience. Among some theories and analysis, we seek to denote as the alternative press can help facilitate understanding of economic information and leave it to the understanding not only of people involved in the economic universe, as well as those readers who are not familiar with the jargon of economic journalism .

KEYWORDS: *Alternative Press; Economic Journalism; Bundas; Mainstream Press and Humor.*

¹ Graduada em História, especialista em Tecnologias em EAD e Mestre em Comunicação Midiática.

O SEMANÁRIO *BUNDAS*

Bundas foi um meio de comunicação de tiragem semanal em formato tabloide, criado por Zivaldo Alves Pinto, jornalista responsável pelo periódico. Circulou desde 1999 até 2001, período do segundo mandato de FHC, sendo impresso no Rio de Janeiro pela editora Pererê Ltda. O periódico se baseava numa crítica bem humorada à ostentação de personalidades e famosos que semanalmente apareciam na revista *Caras*.

O semanário, mesmo carecendo de grandes investimentos, tentou mostrar que era possível resgatar os sentimentos que impulsionaram a imprensa alternativa dos anos 70, já que os anos em que circulou foram marcados por crises econômicas e um aumento significativo de desemprego, temas esses merecedores de uma abordagem capaz de levar informações claras para a população, seguindo, dessa maneira, uma trajetória bem diferenciada da grande imprensa publicada no mesmo período.

Com a intenção de recuperar algumas características do *Pasquim* e de outros jornais alternativos dos anos de 1970, Zivaldo misturou o que motivou os impressos alternativos da época do regime militar, inclusive nomes que fizeram parte da imprensa alternativa daquele tempo, com uma nova geração de jornalistas, exercendo crítica nos campos da política, costumes e comportamento.

A leitura realizada dos 80 números de *Bundas* evidenciou inúmeras possibilidades de abordagem do conteúdo oferecido aos seus leitores. No entanto, uma questão nos chamou muito a atenção, justamente a crítica à política econômica adotada no segundo mandato do governo Fernando Henrique Cardoso. De acordo com Guimarães (2002) este mandato se caracterizou pela intensificação do processo de desestruturação do mercado de trabalho e pelo aumento da precarização das relações de trabalho. Houve, também, a preservação dos baixos salários e, sobretudo, a ampliação das diferenças de rendimentos dos ocupados, além de se acentuar a queda dos níveis de sindicalização.

As constatações anteriores apenas reforçam um quadro da deterioração social já amplamente discutido (MATOSSO, 1999), e que aqui serve para ressaltar o porquê do nosso interesse em abordar os problemas econômicos desde o ponto de vista realizado por *Bundas*. Sabemos que o periódico priorizava o humor e as charges, mas para os fins deste artigo, uma vez que priorizaremos os textos escritos, essa linha humorística e sarcástica será abordada não com tanta relevância como a dos textos escritos.

Além das críticas que o semanário exercia, torna-se necessário compreender a posição alternativa de *Bundas* no universo jornalístico dos anos noventa, momento bem diferenciado do que aconteceu nos anos setenta, auge do denominado jornalismo alternativo. Nos tempos da ditadura militar, buscando dar um novo viés à política brasileira, surgiram grupos de oposição ao regime militar dos quais faziam parte artistas, músicos, jornalistas, que tinham como intuito expressar suas aspirações e sua indignação em relação à política autoritária exercida pelos governos militares. Kucinski (2003) destaca que foi por meio da mídia que muitos desses anseios foram expressos, surgindo então a imprensa alternativa que, por sua vez, se iniciou no Brasil com a finalidade de contestar e desmascarar um sistema que se dizia democrático quando, na verdade, não passava de um regime autoritário. Mas o que foi a imprensa alternativa nos tempos autoritários não pode ser considerado como tal na sociedade atual, pois a conjuntura é totalmente diversa tanto econômica como politicamente. Econômica porque nos encontramos numa época de predominância da ideologia neoliberal e política porque hoje, com a democracia, pelo menos na forma, há a liberdade de expressão fato que difere do momento em que os alternativos dos anos 1970 circularam.

Sabemos que *Bundas* não é um veículo alternativo como nos anos 1970, como muitos gostam de denominá-lo, mas também não podemos considerá-lo como um veículo de circulação massiva, já que não atingia um grande público e não era editado como os outros impressos. A questão central a ser tratar, então, é como *Bundas* abordava os fatos econômicos procurando entender a forma como construía as notícias, no intuito de caracterizar, desde o jornalismo alternativo, se é possível seguir outros caminhos no jornalismo econômico para atingir os leitores com uma abordagem mais acessível, sem perder a sua complexidade.

A IMPRENSA ALTERNATIVA NO BRASIL

Nos tempos da ditadura militar, imposta não somente pelos militares, como também pelo apoio dos civis, que se estendeu durante vinte e um anos, de 1º de abril de 1964 até 15 de março de 1985, buscando dar um novo viés à política brasileira, surgiram grupos de oposição ao regime, dos quais faziam parte artistas, músicos, jornalistas, que tinham como intuito expressar suas aspirações e sua indignação em relação à política autoritária exercida pelos governos militares. Kucinski (2003) destaca

que foi por meio da mídia que muitos desses anseios foram expressos, surgindo então a imprensa alternativa, que tinha por finalidade contestar e desmascarar um sistema que se dizia democrático quando, na verdade, não passava de um regime autoritário.

Os jornais alternativos, muitas vezes, eram predominantemente políticos, com o propósito principal de investir contra o autoritarismo vigente. Millôr Fernandes (1987) faz uma descrição bastante ilustrativa do cenário de atuação desses alternativos:

A imprensa alternativa/nanica ou de underground esteve à margem do processo editorial do mercado (...) essa imprensa, literatura banida, perseguida, acuada, coincidiu com os anos do grande florescimento do milagre econômico brasileiro. E o lugar da literatura no meio dessa sociedade da iniquidade está perfeitamente traduzido nessa imprensa que lutou sem fazer parte do mercado e do processo econômico. Ela nasceu dentro de uma sociedade que se industrializou rapidamente e é um reflexo do desprezo profundo que o sistema tem pela inteligência e pela cultura (FERNANDES, 1987, p. 9).

Entre os anos de 1964 a 1980, surgiram assim como desapareceram diversos tipos de periódicos alternativos, que tinham como intuito desmascarar o regime militar.

Kucinski (2003) afirma que:

(...) Nos períodos de maior depressão das esquerdas e dos intelectuais, cada jornal funcionava como ponto de encontro espiritual, como polo virtual de agregação e desagregação no ambiente hostil da ditadura. Pode-se traçar assim, uma demarcação entre imprensa convencional e imprensa alternativa no Brasil pelos seus papéis opostos como agregadores e desagregadores da sociedade civil, em especial, dos intelectuais, jornalistas e ativistas políticos. Conforme um raciocínio original de Elizabeth Fox, a imprensa alternativa pode até mesmo ser definida como forma de enfrentar a solidão, a atomização e o isolamento em ambiente autoritário (KUCINSKI, 2003, p. 22).

Os jornais alternativos ganharam força no regime militar, mas não nasceram nesse momento. A história da imprensa no Brasil remonta ao período Regencial, com rebeliões, protestos e, conseqüentemente, tais movimentos acabaram tendo destaque nos periódicos daquela época. A Nação começava a tomar forma e os periódicos da época acompanhavam este processo de formação do Estado Nacional. O índice de analfabetismo era elevadíssimo, contribuindo para o surgimento dos pasquins, que de alguma forma podem ser considerados os ancestrais dos alternativos dos anos 70. Kucinski (2003) caracteriza a imprensa alternativa como a sucessora deste tipo de periódico e da imprensa panfletária e anarquista. Sustenta que a partir dos pasquins do período regencial nasceu um espaço para denúncias e descontentamento da população via mídia impressa.

Segundo Sodré (1999), a linguagem usada nos pasquins era a única acessível a toda população, ou seja, a linguagem da injúria com muitas figuras e charges de fácil compreensão, sem pretensões comerciais, sendo um meio de ação para fazer críticas à política e aos acontecimentos do período. O recurso humorístico, utilizado por muitos alternativos do período era aplicado devido à opressão e falta da liberdade na hora de transmitir a notícia. As charges e o humor passam, então, a ganhar espaço nos veículos de informação impresso alternativos. Souza (1986, p.15) menciona que “... ao explodir no jornal, a charge, ao mesmo tempo em que “alivia” o intérprete do peso das notícias pelo riso que produz, leva-o a uma conscientização crítico-reflexivo.” O uso da charge para Souza (p.10) seria uma resposta do agredido ao agressor, é desautorizar o poder através da charge e da crítica. Na busca por transmitir a informação em período de intensa censura, uma das formas encontradas para passar a notícia eram esses mecanismos. Um exemplo deste recurso é encontrado também no semanário *O Pasquim*, no qual o humor se tornou uma ferramenta chave para se transmitir a informação, de forma a camuflar os problemas políticos enfrentados no período.

Os recursos utilizados nos anos de 1970 foram muito utilizados pelo semanário *Bundas*, se destacando, desta forma, como uma forma de busca por uma imprensa mais combativa e diferenciada da grande imprensa.

O JORNALISMO ECONÔMICO

A linguagem no jornalismo econômico nem sempre é de fácil compreensão, já que muitas vezes esta vem com o intuito de mascarar certas atitudes políticas ou governamentais com o emprego de eufemismos ou expressões pouco usuais no cotidiano das pessoas. Assim, os leitores e o grande público não reconhecem a realidade que leem nas páginas dos jornais. Os temas abordados se resumem a questões específicas no âmbito monetário, não abordando os assuntos que envolvam as atividades do homem para satisfazer suas necessidades. Dessa maneira, o público acaba não se identificando com os assuntos tratados, além de se depararem com uma linguagem extremamente complexa, como veremos mais adiante.

Biondi (1975) menciona que infelizmente não localizamos clareza e objetividade nos textos de economia, isso não só na atualidade como também nos impressos dos anos 70. O autor ainda relata que a linguagem do jornalismo econômico

nessa época refletia muito mais interesses de uma pequena camada da população (empresários, banqueiros, investidores) do que a do grande público e da coletividade.

O fato é que do final dos anos 70 até os dias atuais não encontramos mudanças significativas nas características das matérias de economia. Para Marcondes Filho (1993, p. 105) os textos desta editoria são produzidos apenas para darem informações aos leitores sobre investimentos ou práticas de sobrevivência no mundo econômico, sem a preocupação de discutir os impactos da economia na sociedade. Como propõe Beting (1982, p.40), precisa haver uma mudança de abordagem, pois é produzida muita informação de interesse dos governantes e empresários, deixando de lado a informação de interesse do consumidor, do trabalhador e das donas-de-casa, ou seja, da grande maioria da sociedade.

Bundas, se apresentou no final dos anos 90, como uma alternativa de tornar a informação econômica mais atrativa e compreensível. Para este artigo foram selecionadas três matérias, que evidenciaram que é possível tratar a economia de uma forma menos densa e que de fato atendesse o interesse da população, como veremos adiante.

UMA ANÁLISE TEXTUAL E INTERPRETATIVA DOS TEXTOS DE ECONOMIA EM *BUNDAS*

Para realizar a coleta e análise dos dados que emergem do periódico, este trabalho se inspirou na análise de conteúdo de Laurence Bardin (1977), pois foram criadas categorias para detectar a forma como a informação econômica era transmitida, analisando de forma qualitativa o seu conteúdo. Segundo Bardin (1977, p.42) a análise de conteúdo seria um:

Conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores (qualitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Como menciona a autora, a análise de conteúdo não se baseia apenas em dados quantitativos. A análise possui uma fase qualitativa, com a interpretação dos dados coletados. Sendo assim, nos inspiramos nesta metodologia de estudo para fazer uma análise textual do conteúdo com o intuito de buscar compreender a forma como *Bundas*

abordava os assuntos econômicos, nos quais privilegiaremos o estudo da linguagem utilizada nas notícias publicadas nas diversas edições. Dessa forma, acreditamos que conseguiremos explicar a(s) razão(ões) pelas quais esse veículo diferia dos demais quando se trata de uma linguagem mais fácil e clara na transmissão da informação econômica.

A análise textual dos artigos e notas em *Bundas* teve como finalidade mostrar a importância da compreensão da informação econômica para seus leitores. Desta forma, foram criadas palavras-chaves, que consideramos portadoras de sentido e que ajudarão na definição do propósito da pesquisa. Este procedimento teve por finalidade possibilitar ao pesquisador obter indicadores importantes para a interpretação qualitativa final da pesquisa. Selecionamos os termos que tiveram ocorrência mais frequente, caracterizando esta fase como uma análise puramente quantitativa. Realizado esse procedimento foram criadas as categorias, ou seja, o agrupamento de matérias por eixos de sentido em torno de itens que se assemelham no seu conteúdo e que nos permitirão, posteriormente, elaborar uma apreciação qualitativa.

Depois da criação das categorias, foi feita a interpretação dos dados. Esta etapa foi de acordo com análise teórica realizada nos capítulos anteriores sobre imprensa alternativa, jornalismo econômico e humor. As interpretações serão para validar o que foi abordado, ou seja, mostrar que é possível fazer um jornalismo econômico acessível através de impressos alternativos.

Para este artigo foram selecionadas algumas categorias como: desemprego; salário mínimo e pobreza.

O *desemprego* no semanário foi algo largamente tratado, totalizando 12 matérias a esse respeito, sendo a forma de abordagem bem diferenciada da praticada pela grande imprensa no período. A edição de número 1 que foi eleita para este artigo, na coluna de Aloysio Biondi, por exemplo, traz o assunto crise econômica pontuando o *desemprego* como um dos efeitos da crise, e trabalha de forma a ironizar que foi apenas uma crise passageira, apontando taxas que indicam que a crise só estava a aumentar, ao contrário do que defendiam os assessores de FHC, ao dizerem que a crise é passageira.

Os termos empregados (linguagem) e a forma como o assunto foi trabalhado é o que o difere dos grandes veículos impressos, e na matéria mencionada se destaca a forma de abordagem do assunto, criando um personagem fictício *Brasilino*, para mostrar o que ele pensa sobre a crise. A criação deste personagem fez com que a situação econômica abordada se tornasse algo mais próximo da realidade do leitor,

apresentando os problemas de forma mais clara ao entendimento deste, além de trazer ilustrações a respeito do assunto, descontraindo e atraindo o leitor para o assunto.

A ironia ilustrada por Jaguar cita o presidente com a frase “A CRISE PASSOU” complementada pela imagem de um homem machucado, como se tivesse sido atropelado, dizendo que a crise passou foi por cima dele, ou seja, a crise atingiu plenamente ao cidadão comum, aquele que trabalhava e que agora vivia com as consequências da tal “crise que passou”.

O artigo se baseia em notícias divulgadas na grande imprensa e os depoimentos dos assessores do presidente, que sustentam a ideia de que a crise vivenciada naquele momento era apenas algo passageiro, sem muita influência na vida da população. Mas *Bundas* rebate a afirmativa com dados que demonstram o aumento do número de desempregados, queda de vendas de roupas, dentre outros setores como carros e imóveis.



Figura 1. Edição 1. *Bundas*, 1999.

O espaço dedicado ao artigo é de uma página, mas apesar de longa, por se tratar de economia, é extremamente compreensível ao entendimento do leitor, pois apresenta termos coloquiais como: *tolicie; abalozinho e brejo*, e uma forma de abordagem bem descontraída do tema.

O artigo ainda trata de assuntos que interessam diretamente àquele leitor ou leitora que se preocupam com a alta dos preços dos produtos no supermercado, que sonham com a casa própria ou o carro novo, ou, ainda, aqueles que almejam presentear ou comprar para si um som ou uma TV nova. Todos esses assuntos são abordados no

artigo de forma a argumentar que o aumento nos produtos é visível nas prateleiras dos supermercados, e que a venda de casas, eletroeletrônicos e carros estão caindo cada vez mais, mostrando não haver poder de compra e consumo, graças ao salário que não acompanha a alta dos preços. Assuntos como esses são de interesse de grande parte da população brasileira, deste modo a informação econômica foi abordada de forma a atrair o interesse de grande parte da população, principalmente aqueles interessados nesta temática.

A política econômica no Brasil, com a adoção do Plano Real, apoiou as privatizações e juros altos para atração de capital estrangeiro, e fez com que houvesse a necessidade de acúmulo de dólares, que foi extremamente prejudicial à economia interna. A valorização da moeda dependia da entrada de dólares no Brasil, por meio de investimentos estrangeiros. Foi a partir deste momento que o governo começou a apoiar as privatizações e exportações, com uma política econômica de juros altos para atração de capital estrangeiro. Desta forma, o país cada vez mais afundava numa crise, acarretando o aumento da dívida externa, inviabilizando o aumento dos salários aos trabalhadores. Nove (9) foram as publicações, em oito edições, que trataram desse tema. Especificamente, o *salário mínimo* foi o tema selecionado para análise.

A nota de Sergio Augusto critica o salário mínimo dizendo ser este menor que o valor de uma cesta básica. A nota menciona que Alan Greenspan, economista norte-americano, na mesma semana que anunciou que as diferenças sociais prejudicam a economia do país, aqui no Brasil Pedro Malan, economista e Ministro da Fazenda nos dois mandatos de FHC, liberou o então presidente para anunciar a implementação de um salário mínimo menor que o valor da cesta básica. A nota de Macedo sustenta a controvérsia entre as ações dos dois economistas mostrando que, enquanto nos EUA existe a defesa de igualdade social, aqui no Brasil mal se compra uma cesta básica, pois esta é mais cara que o valor do salário de grande parte da população.

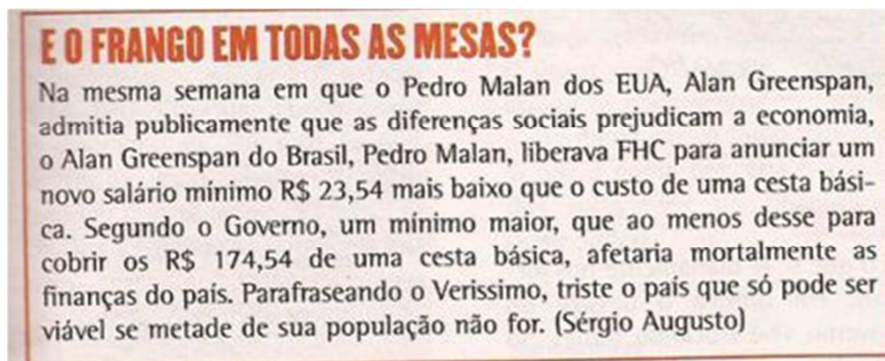


Figura 2. Edição 41, p.43. *Bundas*, 2000.

Outro tema largamente trabalhado pelo semanário foi a **pobreza**, totalizando 7 (sete) publicações. No final dos anos 90 devido à alta taxa de desemprego, salários baixos e privatizações, a pobreza se tornou algo expressivo no Brasil, e por este motivo passou a ser assunto em *Bundas*.

No artigo de Sergio Macedo da edição de número 8, é criticada a proposta do senador Antônio Carlos Magalhães (ACM): “Sob a bandeira da erradicação da pobreza, a proposta de ACM recorre mais uma vez a velha fórmula do aumento dos impostos, como se isso não fosse mais um absurdo no país do absurdo, onde a carga tributária bruta beira a casa dos 30%”. Grande parte da população sofria com a alta dos preços e a crítica feita ao aumento nos impostos recai sobre a pobreza no Brasil, pois com a alta dos impostos os índices de pobreza tenderam a aumentar cada vez mais. Quanto mais impostos houvesse, mais caros os produtos ficariam. Desta forma as classes mais pobres perdiam o poder de compra, já que não podiam pagar por determinados produtos. Produtos de necessidades básicas, como alimentação, remédios e vestimentas, que tinham uma carga de impostos muito alta, se tornaram não acessíveis a esses grupos mais pobres, que não podiam adquiri-los, ocasionando um índice maior de pobreza do Brasil.

A grande imprensa também é citada no artigo, dizendo ser a proposta de ACM algo que trouxe um assunto pouco abordado pela imprensa: a pobreza. A publicação retrata por meio de números como será o aumento dos impostos e suas consequências à população, concluindo que:

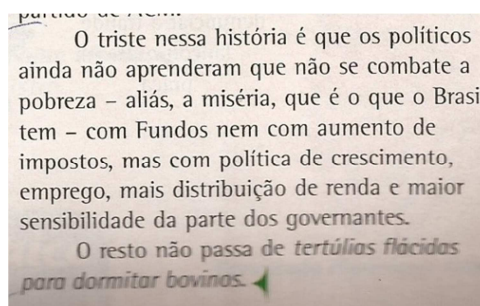


Figura 3. *Bundas*, edição 8, p 41.

O final do artigo com a frase: *tertúlias flácidas para dormir bovinos*, que quer dizer *conversa mole para boi dormir*, aparece para mostrar que mais uma vez os governantes estavam tentando criar meios para se auto favorecer, com a desculpa de beneficiar a população. O uso de frases como essas, bem como termos coloquiais como

chumbo grosso (título do artigo); *má fé* e *de quebra*, são termos que facilitam a compreensão da informação, deixando-a mais atrativa, além da imagem que descontra a informação.

O artigo também é acompanhado de uma ilustração de Argil, que retrata um garotinho de classe pobre com um jornal na mão dizendo: “Mãe, vão criar um imposto pra ajudar a gente a ser pobre!” Frase que ironiza a ação de ACM com a proposta de aumento dos impostos, pois este irá contribuir para aumentar ainda mais a pobreza, ao invés de erradicá-la.



Bundas, edição 8, p.41. 1999.

Por meio da análise de algumas das categorias criadas, foi possível notar contribuições importantes para o debate político econômico, não apenas no período de circulação do semanário, final dos anos de 1990, como também na atualidade. Temas como: desemprego, salário mínimo e pobreza continuam em pauta e além de identificar pontos centrais do debate político da época, permeiam discussões na atualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises feitas de algumas matérias do semanário evidenciaram seu caráter contestador e humorístico, desenvolvendo uma forma de abordar a economia de maneira muito mais atraente e compreensível do que a grande imprensa. Através de recursos gráficos, por exemplo, as matérias textuais foram ilustradas colaborando para incentivar a leitura do texto e descontra a informação. Houve falhas localizadas, como a falta

de aprofundamento de alguns temas propostos e termos sem explicações. Porém, de forma geral, o periódico buscou atrair o público leitor ao assunto econômico, fazendo com que esse se sentisse participativo do processo político-econômico.

Bundas se valeu principalmente do humor para mostrar seu posicionamento frente à política e economia adotada no período. Diante deste fato, se apoiou em divulgar as matérias de forma bem coloquial, com termos populares e uma linguagem muitas vezes considerada grosseira. O intuito era atingir aquele público que não estava familiarizado com a linguagem expressada nos grandes veículos impressos e desta forma descontraíam a informação, levando o noticiário econômico de forma diferenciada.

O intuito das análises não foi para mostrar que somos a favor ou contra ao que foi noticiado pelo semanário, mas sim evidenciar a maneira com as matérias econômicas eram divulgadas e de que forma ela pode servir como inspiração para um jornalismo econômico praticado com mais clareza. E por trabalhar com temas, ainda foco de discussões na atualidade, *Bundas* pode ser visto como uma maneira atrativa e diferenciada de prática do debate sobre assuntos políticos e econômicos.

Portanto, compreende-se, através de um resgate histórico na perspectiva do jornalismo, retratando *Bundas* como um veículo de informação, que apesar de não circular mais, pode ser visto como uma possibilidade da prática de um jornalismo econômico mais efetivo e atrativo, com intuito de fazer com que os leitores se interessem e vejam a informação econômica como algo mais próximo de sua realidade. Através do uso de termos coloquiais, ilustração, e abordando a temática sob a perspectiva do humor, pode-se ter uma prática do jornalismo econômico muito mais próxima do interesse do leitor, possibilitando que haja uma maior participação da população nos temas que envolvam a economia do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BETING, Joelmir. *Na prática a teoria é outra. Os fatos e as versões da economia*. São Paulo: Impres, 1982.

BIONDI, Aloysio. *A linguagem na reportagem econômica*. Seminário de Técnica de Jornalismo, 1. Rio de Janeiro: ABI, 1974 (Coleção Comunicação Hoje), 1974.

FERNANDES, Millôr. *Imprensa Alternativa & Literatura - os Anos de Resistência*. Centro de Imprensa Alternativa e Cultura Popular. Rio de Janeiro: RioArte, 1987.

GUIMARÃES, M.M.M. *Crise, reestruturação produtiva e trabalho nas regiões metropolitanas brasileiras*. Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, vol. VI, nº 119 (62), 2002. [ISSN: 1138-9788] <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn119-62.htm>.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. Edições de 1991 e 2003.

MARCONDES FILHO, Ciro. *A saga dos cães perdidos*. Série Comunicação e Jornalismo. 2ª edição, São Paulo: Hacker Editores Jornalismo, 2002. fin-de-siècle. 1ª ed. São Paulo: Scritta, 1993.

MATTOSO, J. *Brasil desempregado*. São Paulo: Fundação Abramo/Diese, 1999.

SOUZA, Luciana Coutinho Pagliarini de. *Charge política: O poder e a fenda*. São Paulo: PUC, 1986. (Dissertação parcial para o título de mestre).

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

PERIÓDICOS

Bundas, edição 1, 1999.

Bundas, edição 8. 1999.

Bundas, edição 41, 2000.